

Doze Reis e a Moça no Labirinto do Vento



Autora: Marina Colasanti

Ilustrações: Marina Colasanti

Faixa Etária: A partir de 10 anos

Formato: 15,5x23cm

O livro *Doze Reis e a Moça no Labirinto do Vento* reúne treze contos que, embora escritos em uma época marcada pela velocidade e pelo mundo virtual, traz à tona o encantamento dos contos de fada. *No meio da noite de núpcias, o rei acordou...; Vencedor de tantas guerras, o guerreiro das Tendras de Ferro apossou-se daquele reino...* Os personagens, criados por Marina Colasanti, habitam lugares distantes, vivem em outros tempos, porém buscam, como o homem de hoje, a liberdade, a justiça, o amor, o sonho, a própria identidade. As ilustrações em preto e branco, também da autora, dialogam com a magia dessas histórias. Histórias assim, como os tradicionais contos de fadas, são atemporais. Abrir espaço na sala de aula para esse tipo de narrativa é possibilitar, desde cedo, a compreensão desse universo simbólico, no qual podemos encontrar muitas respostas para os eternos desejos e conflitos da humanidade.

Parte 1: pré-leitura – atividades anteriores à leitura

Objetivos: instigar a curiosidade, ampliar o repertório do aluno, contextualizar a obra e o autor

Antes de você iniciar a leitura das histórias do livro *Doze reis e a moça no labirinto do vento*, saiba um pouco sobre a autora e também ilustradora, Marina Colasanti, nascida na Asmara, na Etiópia (hoje Eritreia) em 1937. Viveu sua infância na África e na Itália, onde morou 11 anos. Chegou ao Brasil em 1948, e sua família se radicou no Rio de Janeiro, onde reside desde então. Entre romances para jovens e adultos, livros de contos e poesias, Marina Colasanti já publicou mais de 40, todos escritos com a mesma motivação: a emoção.

Leia os fragmentos de uma entrevista publicada no site sidneyrezende.com, em 20/09/2009:

“Quando falo que escrevo contos de fadas, as pessoas torcem o nariz, pensam que realmente escrevo contos com fadas, mas não é isso. Quando escrevo um conto desses, não escrevo com a razão, não tenho um sentimento crítico pré-estabelecido. Crio uma situação, uma abertura. São todos frutos do inconsciente”. Marina contou também como começou a escrever contos de fadas.

"O que aconteceu foi uma casualidade, jamais teria tido a pretensão de escrever contos de fadas, já que é um gênero muito específico. Eu trabalhava no Jornal do Brasil que, naquele tempo, tinha um caderno infantil, o Caderno I. Então prenderam a editora do caderno, Ana Arruda Calada. Me pediram para editar no lugar dela e eu não quis fazer grandes modificações, só que ficamos com um buraco numa página, não tínhamos o que colocar ali. Então, eu tive ideia de colocar ali um conto de fadas embaralhado para que as crianças tivessem que colocar na ordem certa", lembra a escritora. O detalhe é que o conto de fadas acabou sendo da autoria dela mesma. “Quando percebi, estava escrevendo meu próprio

conto, tive que fazer todo o processo criativo para escrevê-lo. A partir daí, não parei mais" explicou Marina Colasanti.

1. *Doze reis e a moça no labirinto do vento* é um livro construído de treze contos que trazem à tona a atmosfera dos contos de fadas. Os personagens habitam lugares distantes, vivem em outros tempos, buscando a liberdade, a justiça, o amor, o sonho e a própria identidade.

Agora você vai conhecer o início das 13 histórias. Depois da leitura, escolha o trecho de que mais gostou. Justifique sua escolha.

- a. *Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear.*

Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor de luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte.

Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava. (...) Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe que estava na mesa, pronto para ser comido.

- b. *No meio da noite de núpcias, o rei acordou tocado pela sede. Já ia se levantar, quando junto à cama, do lado da sua recém-esposa, viu deitado um leão.*

Na certa – pensou o rei mais surpreso do que assustado –, estou tendo um pesadelo.

(...) De fato na manhã seguinte, o leão havia desaparecido sem deixar cheiro ou rastro. E o rei logo esqueceu tê-lo visto.

Esquecido ficaria, se ali a algum tempo, acordando à noite entre um suspiro e um ronco, não deparasse com ele no mesmo lugar.

- c. *Verde claro, verde escuro, canteiro de flores, arbusto entalhado, e de novo verde claro, verde escuro, imenso lençol do gramado; lá longe o palácio. Assim o jardineiro via o mundo, toda vez que levantava a cabeça do trabalho.*

E via carruagens chegando, silhuetas de damas arrastando os mantos nas aleias, cavaleiros partindo para a caça.

Mas a ele, no canto mais afastado do jardim, que a seus cuidados cabia ninguém via. Plantando, podando, cuidando do chão, confundia-se quase com suas plantas, mimetizava-se com as estações.

- d. *Cansado. Assim sentia-se o Tempo.*

– Muito mais que velho, muito além de antigo. Isto eu sou – pensava andando para frente, ele que não conhecia outra direção.

Vasculhando o passado que trazia às costas, não encontrava o dia em que tinha começado a caminhar. Já procurara muito. Agora até duvidava que existisse esse dia, que ele, como tudo o mais, tivesse um começo. Há tanto andava, que não sabia quanto, e bem podia há outro tanto estar andando.

- e. *As garças chegaram no outono. Por que vinham as garças às portas do frio, elas que sempre anunciavam o fim da primavera? Na aldeia todos se perguntavam. Não pareciam diferentes. Como nos anos anteriores pousaram na beira do pântano desabrochando asas sobre as longas penas. (...)*
De volta do pântano um caçador trouxe a notícia espionada. Aquele ano estava reservado para o nascimento da filha da Rainha das Garças. E disse ter visto...
- f. *Onde todos os oceanos se encontram, aflora uma pequena ilha. Ali, vivem desde sempre Lânia e Lisíope, ninfas irmãs que vivem a serviço do mar, que ali depositava os corpos de pessoas afogadas.*
Cabia a Lânia a mais forte, tirá-los da arrebenção. Cabia a Lisíope, a mais delicada, lavá-los com água doce de fonte, envolvê-los nos lençóis de linho que ambas haviam tecido. Cabia a ambas devolvê-los ao mar para sempre.
E na tarefa que nunca se esgotava, passavam as irmãs seus dias de poucas palavras.
Foi num desses dias que Lânia, vendo um corpo emborcado aproximar-se flutuando, entrou nas ondas para buscá-lo, e agarrando-o pelos cabelos o trouxe até a areia. Já estava quase chamando Lisíope, quando ao virá-lo de rosto para cima, percebeu ser um jovem e lindo.
- g. *Dois príncipes, um louro, e um moreno. Irmãos, mas os olhos de um azuis, e os do outro verdes. E tão diferentes nos gostos e nos sorrisos, que ninguém os diria filhos do mesmo pai, rei que igualmente os amava.*
Uma coisa, porém tinham em comum: cada um deles queria ser o outro. Nos jogos, nas poses, diante do espelho, tudo o que um queria era aquilo que o outro tinha. E de alma sempre cravada nesse desejo insatisfeito, esqueciam-se de olhar para si, de serem felizes.
Sofria o pai com o sofrimento dos filhos. Querendo ajudá-los, pensou um dia melhor seria...
- h. *Presentes mais ricos ninguém nunca teve – disseram todos que haviam sido convidados para o aniversário do filho do rei. E acabada a festa, enquanto os músicos cansados guardavam seus instrumentos e o sol bisbilhotava em frestas nos salões, prepararam-se para voltar as suas casas.*
Porém sozinho enfim no seu quarto, rodeado de tantas preciosidades semelhantes, o príncipe percebeu que uma única coisa chamava seu prazer. Era...
- i. *No dia em que a menina nasceu, a mãe mandou afiar a tesoura. Cabelo comprido dá muito trabalho, - disse. E na primeira noite de lua nova, um a um, cortou-lhe todos os cachos.*
A partir de então, sempre que a noite trancava a lua em sua boca escura, a mãe tosquava o tanto que havia crescido. (...)
Passados os anos, porém, percebeu que cada vez mais difícil se fazia sua tarefa. Cega a tesoura, lutava duramente para podar a brotação de mechas. Que logo perdeu o corte e a resistência. Em vão tentou faca, facão, machado. Nada mais parecia capaz de conter aqueles fios brilhantes como aço.
E a noite chegou em que, negro o céu, os cabelos da moça puderam enfim crescer livremente. E crescer. (...) Descendo pelas costas. (...) Tocando o chão. E no chão se arrastando como manto.

Só ela podia tirar fios dos seus cabelos. (...). Mas a cada fio colhido emanava da cabeça uma gota de sangue, vermelho brilhante que ia rolando pelos cabelos, enrijecendo-se em transparências, até chegar no chão precioso rubi.

- j.** *Vencedor de tantas guerras, O Guerreiro das Tendões de Feltro apossou-se um dia daquele reino, e abandonada a vida nômade decidiu para sempre habitar o castelo agora seu. Sem que ninguém lhe tivesse visto o rosto, coberto desde os campos de batalha por escura máscara de aço.
(...) desejando casar o guerreiro enviou seus embaixadores a países vizinhos que levassem sua proposta (...)
De palanquim, de carruagem, no dorso de camelo e no alto de elefantes, muitas vieram. (...) Mas uma a uma, assustadas com a máscara de ferro, fugiram pelas escadarias (...)
Já desesperava o Guerreiro, quando a mais delicada das jovens chegou montada...*
- k.** *De repente, uma manhã, procurando-se no espelho para tecer as tranças, não se encontrou. A luz de prata, cega, nada lhe devolvia. Nem traços, nem sombra, nem reflexos. Inútil passar um pano espelho. Inútil passar as mãos no rosto. Por mais que sentisse a pele sob os dedos, ali estava ela como se não estivesse, presente o rosto, ausente o que do rosto conhecia.
– Imagem minha - murmurou aflita – onde está você?*
- l.** *Trezentos e sessenta e cinco quinas bem aparadas tem o labirinto de ficus no meio do jardim.
– Para que o labirinto, meu pai?- perguntou a filha.
– Para domar o vento – responde o pai –, que em cada quina se gasta, abranda o sopro e, sai afinal, leve brisa, sem estragar as flores.
Doze nichos de azulejo têm no fundo do jardim. E em cada nicho um rei barbudo, de mármore.
– Para que os reis, meu pai?
– Para casar contigo, minha filha, quando chegar a hora.
De olhos fixos sempre abertos, olham distante de si os reis barbudos. E frente ao seu olhar passa a filha e repassa crescendo no jardim.*
- m.** *Silêncio era a coisa de que aquele rei mais gostava. E de que, a cada dia, mais parecia gostar. Qualquer ruído, dizia, era faca em seus ouvidos. Por isso, muito jovem ainda, mandou construir altíssimos muros ao redor do castelo. E logo, não satisfeito, ordenou que por cima dos muros, e por cima das torres, por cima dos telhados e dos jardins, passasse imensa redoma de vidro.
Agora sim, nenhum som entrava no castelo. O mundo podia gritar lá fora, que dentro nada se ouviria. (...)
– Ouçam que preciosidade – dizia o rei. E toda a corte se calava ouvindo embevecidamente coisa alguma.
Mas, se os sons não podiam entrar, verdade é que também não podiam sair. Qualquer palavra dita, qualquer espirro, soluço, canto, ficava vagando prisioneiro do castelo, sem que lhe fossem de valia fresta de janela ou porta esquecida aberta.*

Aos poucos, tempo passado sem que ninguém lhe ouvisse os passos, palavras foram se acumulando pelos cantos, frases serpentearam na superfície dos móveis, interjeições salpicaram as tapeçarias, um miado de gato arranhou os corredores. E tudo teria continuado assim, se um dia, no exato momento em que sua majestade recebia um embaixador estrangeiro, não atravessasse a sala do trono uma frase desgarrada.

(...). Furioso, deu ordens para que todos os sons usados fossem recolhidos, e para sempre trancados no mais profundo calabouço.

Parte 2: leitura descoberta – atividades durante a leitura

Objetivo: resgatar a leitura do aluno

1. Leia integralmente o livro com a intenção de conhecer as histórias e conferir as hipóteses.
2. Releia as histórias com a intenção de atribuir para cada uma delas um tipo de música ou uma música específica.
3. Na sua opinião, qual o traço mais forte da personalidade da moça tecelã?
4. Se você tivesse as habilidades da moça tecelã, o que desejaria tecer para você, para sua família, para sua cidade e para seu país?
5. Conte com suas palavras o que aconteceu no final da história entre o rei e rainha, no conto *Entre leão e unicórnio*.
6. No texto *A mulher ramada*, o que o personagem fez para acabar com a *dor da solidão*? Conte através de um desenho.
7. No texto *No colo do verde vale*, o personagem faz duas grandes descobertas. Explique quais são.
8. O trecho: *Foi portanto de manhã, logo ao amanhecer, que a trança aconteceu. Uma longa trança loura, que para seu absoluto espanto o príncipe viu escorrer pela fenda no fluxo do filete, e lá ficar, pendurada e gotejante, balançando de leve. Rápido, antes que fosse recolhida por sua misteriosa dona, agarrou-a na ponta dos dedos. É um trecho de que conto?*
9. Conte com suas palavras o desfecho do conto *Onde os oceanos se encontram*.
10. No conto *Um desejo e dois irmãos*, qual foi a solução encontrada pelo pai para resolver o conflito entre os filhos? Sua ideia deu certo? Explique.
11. O que levou o rei, no conto *Palavras Aladas*, a dizer “*Que se abram as portas*”? Explique.
12. Como você interpreta a atitude da moça no final do conto que dá título ao livro.
13. Sobre quais contos nenhuma pergunta foi feita nesta atividade?
14. Escolha um deles e elabore duas perguntas.
15. De que conto você mais gostou? Justifique sua escolha.
16. Que conto você achou mais difícil sua compreensão?
17. Escolha outro conto, que na sua opinião, poderia ser o título do livro.

Parte 3: pós-leitura – atividades após a leitura

Objetivos: ampliar o repertório cultural do aluno e trabalhar a interdisciplinaridade

1. Elabore um parágrafo de no máximo dez linhas com a intenção de comentar sobre a maneira de escrever de Marina Colasanti no livro que você leu.

2. Prepare uma apresentação dramatizada de um dos contos.
3. Crie um painel com palavras que você, durante a leitura, desconhecia o significado ou mesmo conhecendo não usa. Dê ao painel o título *Palavras aladas*.
4. Pesquise sobre autores de contos de fadas, por exemplo, Charles Perrault, Irmãos Grimm, Hans Christian Andersen, entre outros.

Regina Maria Braga | Assessora Pedagógica
reginabraga@globaleditora.com.br

Parte 1

1. Professor, pode-se também pedir aos alunos que:
 - escrevam um frase para dar continuidade a história;
 - imaginem que tipo de conflito será vivido pelas personagens;
 - sugiram um título para o texto.